

TERCEIRO VOLUME DA SÉRIE CROSSFIRE

SYLVIA DAY

Para
sempre
sua

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

B I
B I
B I
B I

Copyright © 2013 by Sylvia Day

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Entwined with You

IMAGEM DE CAPA Patrice de Villiers/ Gallery Stock

PREPARAÇÃO Lília Zambon

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Para sempre sua / Sylvia Day ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: Entwined with You.

ISBN 978-85-65530-24-8

1. Erotismo 2. Ficção norte-americana I. Título.

13-04997

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

1

Os taxistas de Nova York eram criaturas singulares. Destemidos ao extremo, arremessavam-se em alta velocidade pelas ruas abarrotadas com uma tranquilidade excepcional. Para preservar minha sanidade mental, eu havia aprendido a me concentrar na tela do meu celular em vez de ficar vendo os carros passarem ao meu lado a milímetros de distância. Sempre que cometia o erro de prestar atenção ao tráfego, eu me via o tempo todo apertando o pé contra o chão, instintivamente tentando acionar um pedal de freio imaginário.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, eu não precisava procurar nenhuma distração. Estava grudenta de suor depois de uma aula de krav maga das mais intensas, e minha cabeça ainda estava a mil em razão do que o homem que eu amava tinha feito.

Gideon Cross. Só de pensar em seu nome eu já sentia uma onda de calor por todo o corpo. Desde a primeira vez em que o vi — quando notei o lado obscuro e perigoso que havia por trás de um homem fascinante e inacreditavelmente lindo —, senti uma atração irresistível, que só poderia ter acontecido porque eu havia encontrado minha alma gêmea. Eu precisava dele assim como precisava do meu coração batendo, e ele por sua vez arriscou *tudo* o que tinha para ficar comigo.

O barulho de uma buzina me trouxe de volta ao presente.

Pelo vidro do carro, vi o sorriso de um milhão de dólares do meu colega de apartamento estampado em um anúncio publicitário na lateral de um ônibus. Os lábios sedutores de Cary Taylor e seu rosto fino e alongado estavam bloqueando o cruzamento. O taxista buzinaava sem parar, como se isso pudesse liberar o caminho.

Sem chance. Cary se manteve imóvel, assim como eu. Estava deitado de lado, descalço e sem camisa, com a calça jeans aberta a fim de mostrar o elástico de sua cueca e os músculos bem definidos de seu abdome. Seus cabelos castanhos estavam sugestivamente despenteados, e seus olhos verdes brilhavam com malícia.

Só nesse momento, de repente, me dei conta de que seria obrigada a esconder do meu melhor amigo um segredo de enorme importância.

Cary era meu porto seguro, minha voz da razão, meu melhor ombro

amigo — um irmão para mim em todos os sentidos. Eu odiava a ideia de não poder contar a ele o que Gideon tinha feito por mim.

Eu precisava desesperadamente conversar sobre aquilo, procurar ajuda para tentar assimilar melhor o fato, mas nunca poderia abrir a boca para ninguém. Nem mesmo o nosso terapeuta poderia saber a respeito, pois se tratava de um caso em que a regra do sigilo profissional não precisava necessariamente ser seguida.

Um guarda de trânsito corpulento, vestindo um colete fluorescente, apareceu e mandou que o ônibus voltasse para sua faixa fazendo um gesto autoritário com a mão coberta pela luva branca e um grito que não deixou dúvidas de que estava falando sério. Ele fez um sinal para que atravessássemos o cruzamento pouco antes de o semáforo fechar.

O trajeto entre a cobertura de Gideon na Quinta Avenida e o meu apartamento no Upper West Side era bem curto, mas dessa vez pareceu ter durado uma eternidade. A informação que a detetive da Polícia de Nova York, Shelley Graves, havia compartilhado comigo poucas horas antes tinha transformado minha vida para sempre.

E me obrigava a abandonar a única pessoa com quem eu *precisava* de fato ficar.

Tive que deixar Gideon sozinho porque não acreditei na sinceridade das palavras de Graves. Eu não podia me arriscar. E se ela tivesse revelado suas suspeitas apenas para ver se eu voltava correndo para Gideon e fornecia a prova de que seu rompimento comigo havia sido apenas uma farsa friamente planejada?

Minha nossa! O turbilhão de sentimentos no qual eu estava envolvida fez meu coração disparar. Gideon estava precisando de mim agora — assim como eu precisava dele, se não mais —, e ainda assim tive que lhe virar as costas.

A desolação em seus olhos quando a porta de seu elevador privativo se fechou foi de cortar o coração.

Gideon.

O táxi virou a esquina e parou na frente do meu prédio. O porteiro da noite abriu a porta do carro antes que eu cedesse à vontade de pedir ao motorista para me levar de volta, e o ar quente e úmido de agosto invadiu o ambiente, anulando o efeito do ar-condicionado.

“Boa noite, srta. Tramell.” Além da saudação, o porteiro bateu com a ponta do dedo na aba do quepe e esperou pacientemente enquanto eu passava o cartão de débito. Quando o pagamento foi concluído, aceitei sua ajuda para descer do táxi e percebi que olhava discretamente o meu rosto marcado pelas lágrimas.

Sorrindo como se estivesse tudo bem, entrei no saguão e fui direto para o elevador, fazendo apenas um breve aceno de cabeça na direção da recepção.

“Eva!”

Virei a cabeça e vi uma morena elegante vestida com um conjuntinho estiloso de calça e blusa se levantando de uma das poltronas do saguão. Seus cabelos escuros e ondulados iam até os ombros, e seus lábios estavam cobertos de batom cor-de-rosa. Não a reconheci e franzi a testa.

“Pois não?”, eu respondi, pondo-me na defensiva. Havia um brilho ambicioso em seus olhos escuros que me deixou desconfiada. Apesar do abatimento que sentia, e provavelmente aparentava, endireitei os ombros e a encarei com firmeza.

“Deanna Johnson”, ela disse, estendendo a mão direita e exibindo suas unhas bem-feitas. “Repórter freelance.”

Eu levantei as sobrancelhas. “Ora.”

Ela riu. “Não precisa ficar tão assustada. Eu só queria conversar com você um minutinho. Estou trabalhando em uma matéria, e seria ótimo se você pudesse me ajudar.”

“Sem querer ofender, mas eu sinceramente não consigo pensar em nada que tenha a dizer para uma repórter.”

“Nem sobre Gideon Cross?”

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. “Principalmente sobre ele.”

Como um dos vinte e cinco homens mais ricos do mundo, e com uma lista absurdamente longa de propriedades em Nova York, Gideon sempre era notícia. Mas também era notícia o fato de que ele havia rompido a relação comigo e reatado com a ex-noiva.

Deanna cruzou os braços, acentuando seu decote, algo em que reparei apenas porque a estava medindo novamente da cabeça aos pés.

“Vamos lá”, ela insistiu. “Eu prometo deixar seu nome fora disso, Eva. Não vou mencionar nada que possa identificá-la. É a sua chance de recuperar um pouco a sua autoestima.”

Senti um nó no fundo do estômago. Ela fazia exatamente o tipo de Gideon — alta, esguia, cabelos escuros, pele morena. Nada a ver comigo.

“Você tem certeza de que quer se envolver nisso?”, eu perguntei baixinho, enquanto algo dentro de mim me dizia que algum dia ela já tinha trepado com o meu homem. “Eu não iria querer ter alguém como ele como inimigo.”

“Você tem medo dele?”, ela rebateu. “Pois eu não tenho. O dinheiro dele não lhe dá o direito de fazer o que quiser sem nenhuma consequência.”

Eu respirei fundo e me lembrei de uma ocasião em que o dr. Terrence Lucas — outra pessoa com quem Gideon não mantinha boas relações — me

disse mais ou menos a mesma coisa. Agora que eu sabia do que Gideon era capaz, até onde ele chegaria para me proteger, eu podia responder com sinceridade e sem nenhum pudor: “Não, eu não tenho medo. Mas aprendi a escolher somente as batalhas que valem a pena. Seguir em frente é a melhor vingança”.

Ela levantou o queixo. “Nem todo mundo tem astros do rock à espera como segunda opção.”

“Que seja.” Eu suspirei mentalmente ao ouvir a menção a Brett Kline, meu ex-namorado, vocalista de uma banda que começava a fazer sucesso e um dos homens mais atraentes que já conheci. Assim como Gideon, ele irradiava sex appeal. Mas, ao contrário de Gideon, não era o amor da minha vida. Minha relação com ele era uma página virada.

“Escute só”, Deanna sacou um cartão de visita do bolso da saia, “em breve todo mundo vai saber que Gideon Cross estava simplesmente usando você para deixar Corinne Giroux com ciúmes e conquistá-la novamente. Quando cair na real, me ligue. Vou ficar esperando.”

Eu peguei o cartão. “Por que você acha que eu tenho alguma coisa interessante para dizer?”

Sua boca sensual se estreitou. “Porque apesar da motivação de Gideon quando tudo começou ser outra, você mexeu com ele. O homem de gelo se derreteu um pouquinho por sua causa.”

“Talvez, mas agora acabou.”

“Isso não significa que você não tenha nada para dizer, Eva. Eu posso ajudar você a filtrar o que vale a pena.”

“Qual é a sua intenção com essa matéria?” Eu jamais ficaria parada observando enquanto alguém apontava suas armas para Gideon. Se a intenção dela era prejudicá-lo, a minha era atrapalhar os planos dela.

“Aquele homem tem um lado obscuro.”

“E nós também não temos?” O que ela teria visto em Gideon? O que ele poderia ter revelado na... interação entre os dois? Isso *se* houve de fato uma.

Eu duvidava que algum dia seria capaz de pensar em Gideon com outra mulher sem ser dominada por um ciúme brutal.

“Por que não vamos até algum lugar para conversarmos melhor?”, ela sugeriu.

Dei uma olhada para a recepção, e todos ignoravam educadamente a nossa conversa. Eu estava abalada demais emocionalmente para lidar com Deanna, e minha cabeça ainda girava a mil por hora depois da conversa com a detetive Graves.

“Talvez outra hora”, eu falei, deixando o canal de comunicação aberto porque pretendia me manter informada sobre os passos dela.

Como se tivesse notado meu desconforto, Chad, um dos funcionários da recepção, veio até nós.

“A srta. Johnson já está de saída”, eu informei, tentando parecer mais relaxada. Se uma policial como a detetive Graves não tinha conseguido nada contra Gideon, uma repórter freelance enxerida não seria capaz de fazer muito melhor.

Felizmente, eu sabia que tipo de informação poderia ser divulgada pela polícia, e o quão facilmente isso foi feito em diversas ocasiões. Meu pai, Victor Reyes, era policial, e eu tinha ouvido falar bastante sobre esse assunto.

Eu me virei na direção do elevador. “Boa noite, Deanna.”

“A gente se fala”, ela respondeu atrás de mim.

Entrei no elevador e apertei o botão do meu andar. Quando a porta se fechou, eu desabei sobre a barra de apoio do elevador. Eu precisava avisar Gideon, mas não tinha como entrar em contato com ele sem deixar nenhum rastro que pudesse ser seguido mais tarde.

A dor no meu peito se intensificou. Nosso relacionamento estava indo de mal a pior. Não podíamos nem conversar um com o outro.

Saí do elevador e entrei no apartamento, atravessando a sala de estar espaçosa para largar minha bolsa em um banquinho na cozinha. A vista de Manhattan, que eu tinha da minha janela de parede inteira, daquela vez não exerceu nenhum efeito sobre mim. Eu estava agitada demais para me dar conta de onde estava. A única coisa que importava era que eu não estava com Gideon.

Quando entrei no corredor para o meu quarto, ouvi o som de uma música vindo do quarto de Cary. Será que estava com alguém? Se estivesse, quem seria? Meu melhor amigo havia decidido manter dois relacionamentos simultâneos — com uma garota que o aceitava como era e com um cara que não suportava a ideia de que ele pudesse ter mais alguém.

Deixei as roupas espalhadas pelo chão do banheiro à medida que caminhava para o chuveiro. Enquanto me ensaboava, era impossível não me lembrar das vezes em que tomei banho com Gideon, momentos em que nosso tesão um pelo outro proporcionou cenas de muito erotismo. Eu sentia muito a falta dele. Eu precisava de seu toque, seu desejo, seu amor. A saudade que eu sentia de tudo isso me consumia, me deixava inquieta e à beira de um ataque de nervos. Eu não sabia como iria conseguir dormir se não conseguisse falar com Gideon. Nós tínhamos tanto o que conversar.

Eu me enrolei na toalha e saí do banheiro...

Gideon estava do outro lado da porta. Dar de cara com ele ali me causou uma reação abrupta, como se tivesse recebido um soco no estômago. Perdi o fôlego, e o meu coração se acelerou — meu corpo inteiro reagiu à presença

dele com uma onda poderosa de desejo. Parecia que não nos encontrávamos fazia anos, apesar de termos nos despedido havia menos de uma hora.

Eu tinha dado a ele a chave do meu apartamento e, além disso, ele era o proprietário do prédio. Dessa forma, poderia chegar até mim sem deixar rastros... assim como havia feito com Nathan.

“É perigoso você vir até aqui”, eu falei. O que não me impedia de ficar muito animada por ele estar ali. Eu o devorava com os olhos, percorrendo seu corpo esguio e seus ombros largos.

Ele estava usando calça preta de agasalho e o moletom da Universidade de Columbia de que tanto gostava, um visual que revelava o homem de vinte e oito anos que ele era e não o bilionário poderoso que o restante do mundo conhecia. Um boné dos Yankees escondia sua testa na penumbra, mas nada podia fazer para diminuir o brilho arrebatador de seus olhos azuis. Eles me encaravam ferozmente, seus lábios sensuais desenhados em uma linha fina. “Eu não consegui ficar longe de você.”

Gideon Cross era um homem incrivelmente belo, tão lindo que as pessoas paravam para olhá-lo enquanto ele caminhava. Uma vez cheguei a pensar que ele poderia ser uma espécie de deus sexual, e suas frequentes — e entusiasmáticas — proezas provavam que eu estava certa, mas eu também descobri que ele era muito humano. Como eu, ele também havia sido corrompido.

As probabilidades eram contra o nosso sucesso.

Meu peito se expandiu em um grande suspiro, meu corpo reagindo à proximidade do dele. Mesmo a alguns metros de distância, eu ainda era capaz de sentir a vibração magnética de estar perto da pessoa que fazia minha alma se sentir completa. Era sempre assim, desde o nosso primeiro encontro — sentíamos uma atração irresistível um pelo outro. No começo, nós confundimos esse desejo mútuo e feroz com luxúria, mas com o tempo nos demos conta de que éramos incapazes de respirar sem o outro.

Lutei para reprimir o desejo de me jogar em seus braços, onde eu gostaria desesperadamente de estar. Ele, por sua vez, tinha um autocontrole implacável. Esperei ansiosamente pelo que ele tinha a me dizer.

Minha nossa, como eu o amava.

Ele fechou as mãos nas laterais do corpo. “Eu preciso de você.”

Meu ventre se contraiu em resposta a sua voz áspera, afetuosa e cheia de luxúria.

“Você não parece tão feliz por isso”, eu provoquei, tentando criar um clima mais descontraído para quando ele estivesse em cima de mim.

Eu o amava demais, e o amava do fundo do coração. Estava disposta a aceitá-lo fosse como fosse, mas fazia tanto tempo... Minha pele estava sensível com a expectativa, pronta para se render ao seu toque. Fiquei com medo

de saber como meu corpo reagiria se ele viesse com tudo para cima de mim enquanto eu estivesse com tanto tesão. Havia o sério risco de uma explosão incontrolável.

“Isso está acabando comigo”, ele falou em um tom de sofrimento. “Ficar sem você. Sentir tanto a sua falta. Sinto que minha sanidade depende de você, Eva, e você quer que eu finja que estou *feliz*, porra?”

Passsei a língua pelos lábios ressecados, e ele grunhiu ao me ver fazer isso, provocando um arrepio em todo o meu corpo. “Bom... *eu* estou feliz em ver você.”

A tensão em sua postura visivelmente diminuiu um pouquinho. Ele devia estar preocupado sobre como eu reagiria quando descobrisse o que fez por mim. Para ser sincera, *eu* também teria ficado. O fato de me sentir grata significava que eu era ainda mais perturbada do que imaginava?

Então eu me lembrei das mãos do filho do meu padrasto passando pelo meu corpo... seu peso me esmagando em cima do colchão... a terrível dor no meio das minhas pernas enquanto ele investia contra mim sem parar...

Estremeci ao sentir o ódio se renovar dentro de mim. Não fazia a menor diferença se o alívio trazido pela morte daquele filho da puta significava que eu era uma pessoa perturbada.

Gideon respirou fundo. Ele levou a mão até o peito e massageou a área onde sentia seu coração se comprimir.

“Eu te amo”, falei, e meus olhos se encheram de lágrimas. “Eu te amo demais.”

“Meu anjo.” Ele chegou até mim com passos rápidos, jogando a chave no chão e agarrando meus cabelos molhados com as duas mãos. Ele estava tremendo, e eu chorei ao sentir mais uma vez o quanto ele precisava de mim.

Inclinando minha cabeça no ângulo que ele queria, Gideon me beijou com um sentimento poderoso de possessividade, me saboreando com movimentos lentos e profundos com a língua. Sua paixão e seu desejo levaram os meus sentidos à loucura. Eu gemi e me agarrei com força ao tecido de sua blusa. O grunhido que ele soltou em reação reverberou pelo meu corpo, endurecendo meus mamilos e fazendo a minha pele inteira se arrepiar.

Eu me derreti nos braços dele, e arranquei o boné de sua cabeça para poder enfiar os dedos por entre seus cabelos pretos e sedosos. Abaixei a cabeça, arrebatada pela sensualidade carnal de seu beijo, e deixei escapar um soluço.

“Não faça isso”, ele sussurrou, afastando-se para segurar meu queixo. Gideon me olhou nos olhos. “Você acaba comigo quando chora.”

“É demais para mim.” Eu comecei a tremer.

Seus lindos olhos pareciam exaustos como os meus. Ele balançou a cabeça, com uma expressão de tristeza. “O que eu fiz...”

“Não, não é isso. É o que eu sinto por você.”

Ele me acariciou com a ponta do nariz, tocando meus braços nus com as mãos — mãos que, eu sabia, estavam manchadas de sangue, o que só fazia com que as desejasse ainda mais.

“Obrigada”, eu murmurei.

Os olhos dele se fecharam. “Minha nossa, quando você foi embora... Sem eu saber se iria voltar... Se eu tivesse perdido você...”

“Eu também preciso de você, Gideon.”

“Eu não me arrependo. Faria tudo de novo.” Ele apertou as mãos contra mim. “As opções eram interdições judiciais, contratar guarda-costas, manter a vigilância... pelo resto da sua vida. Não havia nada que garantisse a sua segurança enquanto Nathan não estivesse morto.”

“Você me afastou. Se fechou para mim. Nós dois...”

“Para sempre.” Ele encostou o dedo nos meus lábios entreabertos. “Acabou, Eva. Não adianta discutir sobre algo que não pode ser mudado.”

Eu afastei a mão dele. “Acabou *mesmo*? Nós já podemos voltar a ficar juntos, ou ainda precisamos esconder nosso relacionamento da polícia? Aliás, o nosso relacionamento ainda *existe*?”

Gideon manteve seu olhar em mim sem esconder nada, permitindo que eu visse seu medo e seu sofrimento. “Eu vim até aqui para perguntar isso a você.”

“Se depender de mim, nunca mais saio de perto de você”, eu disse com veemência. “Nunca mais.”

As mãos de Gideon deslizaram pelos meus ombros, fazendo a temperatura da minha pele subir. “É só disso que eu preciso”, ele disse baixinho. “Fiquei apavorado com a ideia de que você fosse fugir... que ficaria com medo. De *mim*.”

“Gideon, não...”

“Eu jamais machucaria você.”

Eu agarrei a barra do moletom dele e puxei, mesmo sabendo que não tinha força para fazê-lo se dobrar até mim. “Eu *sei* disso.”

Em termos físicos, não havia a menor dúvida — ele sempre foi muito cuidadoso comigo, cauteloso. Mas, em termos emocionais, o amor que eu sentia por ele já havia sido usado contra mim de forma meticulosamente calculada. Eu ainda não estava convencida por completo de que Gideon compreendia meus sentimentos, se ele sabia que o meu coração partido ainda não estava totalmente cicatrizado.

“Sabe mesmo?” Ele olhou bem nos meus olhos, procurando por algo que eu não tivesse revelado. “Abrir mão de você acabaria comigo, mas é isso que eu prefiro se estiver fazendo você sofrer.”

“É com você que eu quero estar.”

Ele suspirou audivelmente. “Meus advogados vão falar com a polícia amanhã para descobrir em que pé as coisas estão.”

Levantei a cabeça e beijei de leve sua boca. Nós éramos cúmplices na ocultação de um crime, e eu estaria mentindo se dissesse que isso não me incomodava — afinal de contas, eu era filha de um policial —, mas a outra opção era tenebrosa demais para ser considerada.

“Você precisa ter certeza de que vai ser capaz de conviver com o que eu fiz”, ele disse baixinho, enrolando meus cabelos em torno do dedo.

“Acho que consigo. E você?”

Ele me beijou de novo. “Eu sou capaz de suportar qualquer coisa se eu tiver você.”

Enfiei a mão por baixo de sua blusa e encontrei sua pele morena e quente. Seus músculos firmes se enrijeceram ao meu toque, seu corpo era um monumento sedutor e viril. Eu lambi a boca dele e mordi de leve seu lábio inferior. Gideon gemeu. Seu ruído de prazer me envolveu como uma carícia.

“Quero sentir o seu toque.” Suas palavras eram autoritárias, mas seu tom era de súplica.

“Eu estou bem aqui.”

Ele estendeu a mão para trás, agarrou meu pulso e puxou minha mão para a frente. Depois tirou o pau para fora sem nenhum pudor, e soltou um gemido. Meus dedos envolveram seu membro grande e grosso, e meu coração disparou quando me dei conta de que ele estava aquele tempo todo sem cueca.

“Minha nossa”, eu sussurrei. “Você me deixa com tanto tesão.”

Seus olhos azuis me encaravam fixamente. Seu rosto estava vermelho, e seus lindos lábios se abriram. Gideon nunca tentou esconder o efeito que eu causava sobre ele, nunca fingiu que sabia se controlar melhor que eu quando estávamos juntos. Isso tornava seu domínio sobre mim na cama ainda mais excitante, pois eu sabia que ambos estávamos entregues ao mesmo impulso arrebatador.

Senti meu peito se apertar. Ainda não conseguia acreditar que ele era meu, que eu poderia tê-lo por inteiro, entregue, sedento e gostoso como o pecado...

Gideon arrancou a toalha em que eu estava enrolada. Ele respirou fundo ao me ver completamente nua. “Ah, Eva.”

Sua voz tremia de emoção, fazendo os meus olhos arderem. Ele arrancou a blusa e a jogou de lado. Depois foi até mim a passos lentos, adiando o momento em que nossa pele nua se encontraria.

Ele apertou meus quadris, remexendo inquietamente os dedos, com a respiração ofegante. Meus mamilos foram a primeira parte a tocá-lo, espalhando uma onda de calor por todo o meu corpo. Eu perdi o fôlego. Ele me puxou com força para si com um grunhido, arrancando meus pés do chão e me carregando até a cama.

Minhas coxas sentiram o colchão e eu apoiei a bunda, caindo de costas com Gideon por cima de mim. Ele me puxou com um dos braços posicionado nas minhas costas, e me ajustou melhor na cama antes de se colocar sobre mim. Antes que eu me desse conta, sua boca já estava nos meus seios, seus lábios quentes e macios me chupavam com vontade enquanto sua mão acalentava meu desejo, apertando meu peito possessivamente.

“Meu Deus, como eu senti a sua falta”, ele gemeu. Senti sua pele quente contra o meu corpo frio, a pressão de seu peso sobre mim depois de tantas noites de ausência.

Envolvi suas panturrilhas com as pernas e estendi a mão para apertar sua bunda firme e musculosa. Eu o puxei para mim, arqueando os quadris para sentir seu pau por baixo do tecido de algodão que nos separava. Só quando ele estivesse dentro de mim eu teria certeza de que Gideon ainda era meu.

“Diga para mim”, eu pedi, desesperada para ouvir aquelas palavras que ele dizia ser inadequadas.

Gideon ergueu o tronco e me olhou, tirando gentilmente os cabelos que cobriam minha testa. Ele engoliu em seco.

Eu me inclinei para a frente e beijei sua boca de contornos encantadores. “Eu digo primeiro: eu amo você.”

Gideon fechou os olhos e estremeceu. Envolveu-me em seus braços e me apertou com tanta força que eu mal conseguia respirar.

“Eu te amo”, ele sussurrou. “Demais.”

Sua declaração emocionada reverberou pelo meu corpo todo. Eu enterrei a cabeça no ombro dele e chorei.

“Meu anjo.” Ele agarrou os meus cabelos.

Levantei a cabeça e cobri sua boca com um beijo temperado pelo gosto salgado das minhas lágrimas. Meus lábios se movimentavam desesperadamente contra os dele, como se Gideon fosse desaparecer a qualquer momento e eu não tivesse tempo para senti-lo por inteiro.

“Eva. Me deixe...” Ele pegou meu rosto entre as mãos e me deu um beijo profundo. “Me deixe amar você.”

“Por favor”, eu sussurrei, juntando os dedos em sua nuca para agarrá-lo.

Senti sua ereção quente e sólida contra os lábios do meu sexo, exercendo a pressão perfeita sobre o meu clitóris trêmulo. “Não para.”

“Nunca. Eu não consigo.”

Ele apertou a minha bunda com a mão e me suspendeu com um hábil movimento de quadris. Prendi a respiração ao sentir o prazer se espalhando pelo meu corpo, meus mamilos enrijecidos se esfregando com força contra seu peito nu. O roçar de leve de seus cabelos na minha pele era um estímulo quase insuportável. Meu ventre doía, implorando pela penetração de seu pau duro.

Minhas unhas arranharam suas costas dos ombros até os quadris. Ele arqueou o corpo diante daquela carícia mais brusca e soltou um grunhido, jogando a cabeça para trás e mostrando que estava deliciosamente entregue ao prazer.

“De novo”, ele ordenou asperamente, com o rosto vermelho e a boca entreaberta.

Inclinando o corpo para a frente, dei uma mordida em seu peito, bem onde ficava o coração. Gideon sibilou e estremeceu.

Eu não conseguia mais conter a ferocidade dos sentimentos que precisavam ser liberados naquele momento — o amor e o desejo, a raiva e o medo. E a dor. Minha nossa, quanta dor. Ela ainda reverberava dentro de mim. Eu queria atingi-lo por inteiro. Puni-lo e também lhe dar prazer. Fazê-lo sentir pelo menos uma pequena dose de tudo o que eu havia sofrido quando ele se afastou de mim.

Acaricieei com a língua as marcas que tinha deixado com os dentes, e ele investiu com os quadris contra mim, esfregando o pau pelos lábios separados do meu sexo.

“Minha vez”, ele sussurrou, ameaçador. Apoiando-se sobre um dos braços, exibindo seu bíceps volumoso e lindamente definido, ele apertou o meu peito com a outra mão. Gideon abaixou a cabeça e abocanhou meu mamilo pontudo com os lábios. Sua boca era quente e ardente, e sua língua aveludada se esfregava contra a minha pele sensível. Quando seus dentes agarraram de leve a pontinha do mamilo, eu dei um grito bem alto, sentindo meu corpo inteiro se contrair como se uma agulha tivesse sido encravada no meu ventre.

Eu agarrei os cabelos dele com força. Estava tomada demais pelo desejo para ser carinhosa. Minhas pernas o envolveram em um aperto desesperado, que ecoava meu desejo de tê-lo para mim. Possuí-lo. Fazer com que voltasse a ser meu.

“Gideon”, eu gemi. Minhas têmporas estavam lavadas de lágrimas, e eu sentia um tremendo nó na garganta.

“Estou aqui, meu anjo”, ele sussurrou, passando a língua pelo meu colo até chegar ao outro seio. Seus dedos diabólicos começaram a brincar com o mamilo úmido que ele havia deixado para trás, beliscando-o suavemente até que eu agarrasse sua mão. “Não tente resistir. Me deixe amar você.”

Foi quando me dei conta de que o estava puxando pelos cabelos, tentando afastá-lo mesmo quando era eu quem forçava a aproximação. Gideon me tinha à sua mercê, seduzida por sua atordoante perfeição masculina e seu conhecimento detalhado do meu corpo. E eu estava me rendendo. Meus peitos estavam contraídos, meu sexo estava inchado e molhado. Minhas mãos percorriam incansavelmente seu corpo enquanto eu o prendia entre minhas pernas.

Ainda assim, ele conseguiu escapar do meu abraço, percorrendo o meu corpo enquanto dizia palavras tentadoras junto à minha barriga. “Senti tanto a sua falta... preciso de você... quero você agora...” Senti um líquido quente na lateral do meu corpo e, quando olhei para baixo, vi que ele também estava chorando, com seu lindo rosto contorcido pela mesma explosão de sentimentos que tomavam conta de mim.

Com os dedos trêmulos, eu toquei suas bochechas, tentando enxugar as lágrimas que caíam uma após a outra. Ele recebeu meu toque com um gemido baixinho de sofrimento, e eu não consegui mais aguentar. A dor dele me machucava muito mais do que a minha.

“Eu te amo”, falei.

“Eva.” Ele ficou de joelhos, abriu minhas pernas com as coxas dele e se deitou sobre mim, com seu pau grande e duro latejando sob seu peso.

Tudo dentro de mim se comprimiu de tesão. Seu corpo grande e pesado era inteiro revestido por músculos firmes como rochas, e sua pele morena brilhava de suor. Ele era pura elegância, a não ser pelo seu pau, que era brutalmente animalesco, com veias inchadas por toda sua extensão até a base bem grossa. Seu saco também era grande e pesado. Ele daria uma escultura tão perfeita quanto o *Davi* de Michelangelo, mas com um viés explicitamente erótico.

Sem sombra de dúvidas, o corpo de Gideon Cross havia sido feito para levar uma mulher à loucura.

“Você é meu”, eu disse em um tom de voz áspero, estendendo os braços e me agarrando a ele, apertando o meu peito contra o dele. “Meu.”

“Meu anjo.” Ele beijou minha boca com vontade, cheio de tesão. Erguendo o meu corpo, ele foi se movendo pela cama até que chegássemos à cabeceira com o meu corpo estendido sobre o dele. Nós nos esfregávamos um no outro sem parar, molhados de suor.

Suas mãos me tocavam por inteiro, seu corpo musculoso se esticou sobre mim, assim como o meu. Eu envolvi seu rosto, lambendo rapidamente a sua boca, tentando satisfazer a minha sede por ele.

Sua mão se moveu entre minhas pernas, seus dedos penetrando meu sexo. As partes ásperas acariciavam meu clitóris e evitavam a abertura trêmula do meu sexo. Com meus lábios pressionados ao dele, eu gemi, mexendo meus quadris. Ele me acariciava, estimulando meu tesão, e seu beijo carinhosamente levava minha boca ao prazer.

Meu corpo todo tremeu quando ele enfiou o dedo do meio em mim, devagar, sem pressa. A palma da mão dele roçava o meu clitóris, e com a ponta dos dedos ele ia acariciando meus tecidos mais sensíveis. Com a outra mão, ele segurava meu quadril para me manter onde queria e restringir meus movimentos.

O controle de Gideon parecia absoluto, com movimentos sedutores de precisão cirúrgica, mas ele tremia mais do que eu e respirava com dificuldade. Os sons que exalavam de seu corpo pareciam tingidos de sofrimento e súplica.

Eu me inclinei para trás e peguei no pau dele com as duas mãos, segurando bem firme. Eu também conhecia bem o corpo dele, sabia o que ele desejava e precisava. Comecei a masturbá-lo acariciando toda a sua extensão, fazendo com que o líquido pré-ejaculatório brotasse em sua cabeça larga. Ele gemeu e se apoiou na cabeceira da cama, curvando o dedo que estava dentro de mim. Eu o apertei com força, fazendo com que o líquido se espalhasse por toda a glândula, e depois desci até a base para começar tudo de novo com ainda mais força.

“Não”, ele disse, ofegante. “Estou quase gozando.”

Eu ainda o acariciei mais uma vez, e senti água na boca ao ver mais um pouco de líquido sair de seu pau. Fiquei excitadíssima ao contemplar seu prazer, por saber que era capaz de exercer um efeito tão profundo sobre uma criatura tão ostensivamente sensual.

Ele soltou um palavrão e tirou o dedo de dentro de mim. Depois me agarrou pelo quadril e me forçou a soltá-lo. Ele me puxou para a frente e depois para baixo, erguendo a cintura e enfiando seu pau furioso em mim.

Eu gritei e apertei os ombros dele, sentindo meu sexo se contrair em torno daquela penetração volumosa.

“Eva.” Seu maxilar e seu queixo se contraíram quando seu jorro quente e espesso se espalhou dentro de mim.

Com o auxílio da lubrificação proporcionada por seu gozo, meu sexo escorregou por ele até que chegasse quase até o limite do meu corpo. Eu cravei as unhas em seus músculos tensos, lutando para respirar mesmo com a boca aberta.

“Eu sou seu”, ele falou, posicionando o meu corpo para receber a última parte que ainda faltava para uma penetração completa. “Todo seu.”

Eu gemi diante da sensação dolorida e familiar de tê-lo profundamente dentro de mim. O orgasmo me pegou de surpresa, e fez minhas costas se arquearem e meu corpo se render ao prazer arrebatador.

Nesse momento o instinto tomou conta, e meus quadris começaram a se remexer involuntariamente, minhas coxas se contraíam e relaxavam e eu não pensava em nada além de desfrutar daquele momento, de tomar posse do meu homem. Do dono do meu coração.

Gideon obedecia aos comandos dos meus movimentos.

“Isso mesmo, meu anjo”, ele me incentivou com sua voz áspera, com o pau ainda duro, como se não tivesse acabado de gozar até ranger os dentes.

Os braços dele desabaram sobre a cama. Ele agarrou o edredom com os punhos fechados. Seus bíceps se contraíam a cada movimento. Seus músculos abdominais se enrijeciam a cada balanço meu, com o suor escorrendo sobre a pele. Seu corpo era uma máquina bem azeitada, e eu o estava levando ao limite.

E ele deixou. Se entregou a mim por inteiro.

Ondulando os quadris, eu extraía todo o prazer que ele era capaz de oferecer, murmurando seu nome. Aos poucos, meu ventre ia pulsando novamente, um sinal de que outro orgasmo estava próximo. Eu hesitei, com medo do que aquele excesso de estímulo poderia provocar no meu sistema nervoso.

“Por favor”, eu sussurrei, quase sem fôlego. “Por favor, Gideon.”

Ele me agarrou pela nuca e pela cintura e me deitou de barriga para cima na cama. Deitado sobre mim, ele me imobilizou e me penetrou... de novo e de novo... atacando o meu sexo com estocadas poderosas. O atrito do seu pau grosso se esfregando e entrando e saindo sem parar foi demais para mim. Eu me contorci violentamente e gozei mais uma vez, cravando as unhas nas laterais de seu corpo.

Estremecendo, Gideon também gozou e me abraçou com força até que eu mal conseguisse respirar. Sua respiração frenética junto ao meu rosto preenchia meus pulmões inflamados. Eu estava absolutamente entregue, completamente sem defesa.

“Meu Deus, Eva.” Ele enterrou o rosto no meu pescoço. “Como eu preciso de você. Muito, demais.”

“Meu amor.” Eu o abracei com força. Ainda com medo de perdê-lo.

Piscando os olhos enquanto olhava para o teto, eu percebi que tinha dormido. Foi quando o pânico bateu, o medo inevitável de despertar de um

sonho feliz para o pesadelo da realidade. Eu me sentei às pressas, tentando arejar o meu peito apertado.

Gideon.

Quase chorei quando o vi deitado ao meu lado, com a boca entreaberta e a respiração tranquila e ritmada. O homem que partira o meu coração tinha voltado para mim.

Minha nossa...

Apoiada contra a cabeceira, eu tentei relaxar, saborear o raro prazer de vê-lo dormir. Seu rosto se transformava quando ele estava assim vulnerável e me fazia lembrar que ainda era um jovem, uma coisa bem fácil de esquecer quando Gideon estava acordado, irradiando uma força interior que literalmente me fez cair para trás quando o vi pela primeira vez.

Admirando-o, tirei os cabelos caídos sobre seu rosto com os dedos, observando as linhas de expressão que haviam se formado recentemente em torno dos olhos e da boca. Percebi também que ele estava mais magro. Ao que parecia, nossa separação tinha sido muito custosa para ele também. Ou então era eu que costumava enxergá-lo como uma pessoa invulnerável.

Na verdade, fui incapaz de esconder o quanto fiquei arrasada. Acreditava mesmo que estava tudo acabado entre nós, e isso era visível para todos que olhavam para mim. Gideon contava com isso para seu plano dar certo. “Um álibi plausível”, foram as palavras que ele usou. Para mim, a expressão certa para descrever aquilo era inferno, e só acabaria quando parássemos de fingir que estávamos separados.

Me movendo com cuidado, apoiei a cabeça na mão e observei o homem deitado ao meu lado na cama. Estava abraçado ao travesseiro, revelando os bíceps bem torneados e as costas musculosas marcadas por meus arranhões. Eu havia cravado as unhas na bunda dele também, enlouquecida de tesão enquanto ele me comia incansavelmente, enfiando seu pau grande e grosso bem fundo dentro de mim.

De novo e de novo...

Minhas pernas começaram a ficar inquietas, meu corpo todo se agitava novamente. Apesar de toda sua elegância e seu autocontrole, entre quatro paredes, Gideon era uma criatura indomável, que me revelava até sua alma toda vez que fazia amor comigo. Eu era incapaz de resistir ao seu toque, ao prazer inebriante que sentia quando abria minhas pernas para um homem tão viril e apaixonado...

Ele abriu os olhos, mais uma vez me deixando maravilhada com suas íris azuis. Ele me lançou um olhar sedutor que fez meu coração bater mais forte. “Hummm... Você está com cara de quem quer ser comida”, ele provocou.

“É porque você é gostoso demais”, eu respondi. “Acordar do seu lado é... como ganhar presentes no Natal.”

Ele sorriu. “E, para sua conveniência, eu já venho desembrulhado. E não preciso de pilhas.”

Meu peito se apertou mais uma vez. Eu o amava demais. E morria de medo de não conseguir segurá-lo. Era como tentar engarrafar um sonho, tentar tocar com os dedos algo que era intangível.

Soltei um suspiro trêmulo. “Você é o sonho de qualquer mulher, sabia? Um sonho sensual, excitante...”

“Pare com isso.” Ele se virou e subiu em cima de mim antes mesmo que eu me desse conta do que estava acontecendo. “Eu sou podre de rico, mas você só está comigo por causa do meu corpo.”

Eu olhei para ele, admirando os cabelos que emolduravam tão lindamente o seu rosto. “O que eu quero é o coração que bate aí dentro.”

“Isso você já tem.” Suas mãos desceram pelo meu corpo, e nossas pernas se enroscaram. Eu suspirei, percebendo que um pouco do meu sentimento de medo e angústia tinha acabado de sossegar.

“Eu não deveria ter dormido aqui”, ele disse baixinho.

Eu acariciei seus cabelos, reconhecendo que ele estava certo, que os pesadelos gerados por sua parassonia sexual atípica podiam representar um perigo para mim quando dormíamos juntos. Gideon às vezes se tornava violento enquanto dormia e, se eu estivesse por perto, acabava me tornando o alvo da raiva que ele carregava dentro de si. “Mas eu gostei de ter acordado ao seu lado.”

Ele pegou a minha mão, levou-a até a boca e beijou meus dedos. “Precisamos aproveitar todo o tempo que tivermos sem ninguém vigiando a gente.”

“Ai, meu Deus. Eu quase esqueci. Deanna Johnson esteve aqui.” Eu me arrependi no mesmo instante de ter dito aquilo em um momento de tamanha intimidade entre nós.

Gideon piscou os olhos, e em uma fração de segundo a expressão de afetuosidade em seu rosto não existia mais. “Fique longe dela. É uma jornalista.”

Eu o abracei. “Ela está querendo ir pra cima de você.”

“Então vai ser obrigada a rever os seus planos.”

“Por que ela está tão interessada em você, se é uma freelance? Não é uma matéria encomendada por alguém nem nada do tipo.”

“Esqueça isso, Eva.”

A recusa dele em conversar sobre o assunto me deixou irritada. “Eu sei que você já trepou com ela.”

“Não sabe coisa nenhuma. E você devia se focar no fato de que eu estou prestes a trepar com você.”

Era a confirmação de que eu precisava. Eu o soltei e o empurrei. “Você mentiu.”

Ele jogou a cabeça para trás como se tivesse levado um tapa na cara. “Eu nunca menti pra você.”

“Você me disse que tinha feito sexo comigo mais vezes do que em sua vida inteira, mas no consultório do dr. Petersen contou que costumava transar duas vezes por semana. Qual das duas coisas era mentira?”

Ele se deitou de costas e franziu a testa, olhando para o teto. “Precisamos mesmo falar sobre isso? Justo agora?”

Sua linguagem corporal revelou uma tensão tamanha que a minha irritação com suas evasivas se desfez na hora. Eu não estava a fim de brigar, muito menos por coisas que faziam parte do passado. O que importava era o presente, e o futuro. Eu precisava acreditar na fidelidade dele.

“Não, na verdade não”, eu disse baixinho e me virei para o lado, apoiando a mão sobre seu peito. Quando o dia nascesse, nós voltaríamos a fingir que não estávamos mais juntos. E eu não fazia ideia de por quanto tempo precisaria continuar com aquele teatro, ou se algum dia poderíamos ficar juntos novamente. “Só queria avisar que ela anda perguntando sobre você por aí. Tome cuidado com ela.”

“O dr. Petersen perguntou a respeito de encontros sexuais, Eva”, ele disse sem se alterar, “o que não significa necessariamente transar, até onde eu sei. Não sabia que estava sendo levado tão ao pé da letra quando respondi a essa pergunta. Então é melhor deixar bem claro de uma vez por todas: eu levava mulheres para o hotel, mas nem sempre transava com elas. Isso era a exceção, e não a regra.”

Eu me lembrei do matadouro dele, uma suíte repleta de parafernalias sexuais em um dos muitos hotéis do qual era dono. Gideon não mantinha mais aquele lugar, mas era uma coisa que havia ficado gravada na minha mente. “Acho melhor deixarmos esse assunto pra lá.”

“Foi você que começou”, ele rebateu. “Agora aguenta.”

Eu suspirei. “É verdade.”

“Às vezes eu não suportava mais ficar sozinho, mas também não estava a fim de conversar. Não queria nem *pensar*, muito menos sentir alguma coisa. Precisava de alguma distração, me concentrar em outra coisa, mas sem a intimidade do sexo propriamente dito. Você me entende?”

Infelizmente eu entendia, e me lembrei de várias ocasiões em que chupei o pau de um cara só para desligar minha cabeça por um tempo. E de fato isso não envolvia nenhum tipo de desejo ou intimidade.

“Então, ela é uma das mulheres com quem você transou ou não?” Eu detestei ter que fazer essa pergunta, mas era uma coisa que precisava ser esclarecida.

Ele virou o rosto e me olhou. “Uma vez.”

“Deve ter sido uma transa e tanto pra ela não ter conseguido esquecer você até hoje.”

“Isso eu não sei”, ele murmurou. “Eu não lembro.”

“Você estava bêbado?”

“Não. Claro que não.” Ele esfregou o rosto. “O que foi que eu acabei de falar para você?”

“Não foi nada pessoal, certo. Mas ela disse que você tem um ‘lado obscuro’. Eu percebi que ela estava falando de sexo, mas não quis entrar em detalhes. Ela mencionou isso pra criar alguma forma de afinidade entre nós, porque ambas tínhamos sido rejeitadas por você. Um tipo de ‘Irmandade das Abandonadas por Gideon’.”

Ele me encarou com um olhar de frieza. “Não me venha com essa conversa. Isso não combina com você.”

“Ei.” Eu franzi a testa. “Desculpa aí. Eu não estava querendo dar uma de pobre coitada. Quer dizer, só um pouquinho. Acho que eu tenho esse direito, não? Depois de tudo o que aconteceu...”

“E o que você queria que eu fizesse, Eva? Eu nem sabia que você existia.” Gideon assumiu um tom mais grave, mais sério. “Se soubesse, teria ido atrás de você. Ou teria esperado o quanto fosse preciso. Mas eu não sabia, então tinha que me contentar com o que aparecesse. Assim como você. Eu não fui o único a perder tempo com gente que não prestava.”

“É verdade. Somos dois idiotas.”

Houve um instante de silêncio. “Você está brava?”

“Não, está tudo bem.”

Ele me encarou.

Eu dei risada. “Você estava se preparando pra começar a brigar, né? A gente pode brincar disso, se você quiser. Da minha parte, eu prefiro transar de novo.”

Gideon subiu em cima de mim. O olhar no seu rosto era um misto de alívio e gratidão, e provocou uma dor aguda no meu peito. Eu me lembrei de como era importante para ele poder falar a verdade.

“Você está diferente”, ele comentou, acariciando meu rosto.

Claro que estava. O homem que eu amava havia chegado ao ponto de matar por minha causa. Não são poucas as coisas que se tornam desimportantes diante de um sacrifício como esse.